

## O CORPO QUE HABITA A ESCOLA: DIFERENÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM RELATO DE SI

João Vitor Costa Cordeiro <sup>1</sup>  
Monica Silva Aikawa <sup>2</sup>

### RESUMO

Falar das corporeidades das diferentes orientações sexuais e de gênero na escola é, ainda hoje, mover-se por fios tensionados entre silenciamentos, normatizações e resistências. Este trabalho evidencia especialmente essas corporeidades, personificadas neste corpo-professor que pesquisa a si na docência que é atravessado por sentires acerca de expressões de gênero e sexualidade no Ensino Fundamental, durante o Estágio Supervisionado. A partir de uma perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1999) e com a pesquisa narrativa (auto)biográfica, tenho como objetivo narrar afetamentos de um corpo-professor na experimentação com a docência em formação vivida nos cotidianos de seus Estágios Curriculares na Educação Básica. Lembro-me de quando ouvi as crianças zombando do nome do professor, associando-o à feminilidade, algo em mim se moveu. Não era apenas sobre o outro, era sobre como fui atravessado. Percebi o quanto os estereótipos já instauraram na linguagem, na infância e no imaginário escolar Quando escutei que meu cabelo era “de mulher”, senti o peso de um corpo que escapa, que transborda o esperado. Esses gestos me afetaram. Mais que acontecimentos, foram marcas e nelas, reafirmei a docência que escolho construir: aquela que se faz na diferença e na escuta. A escola enquanto espaço de acolhimento à pluralidade das existências, ainda se percebe sob a lógica da heteronormatividade e do binarismo, interditando o reconhecimento das múltiplas formas de ser, existir e viver. Ancorado nos estudos de Butler (2003) e Louro (1997), comprehendo gênero e sexualidade como construções que atravessam o corpo, a linguagem e as relações. Não são verdades fixas, mas modos outros de existir que se produzem nas experiências e nos afetos. Assim, este trabalho registra a narrativa de uma docência que emerge entre tramas de um currículo heteronormativo e reivindica pela afirmação da diferença como potência educativa e formativa na escola.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Corpo, Diferença, Relato de si.

### INTRODUÇÃO

Para mim, falar das corporeidades das diferentes orientações sexuais e de gênero na escola é, ainda hoje, mover-me por fios tensionados entre silenciamentos, normatizações e resistências. A escola, enquanto instituição social e cultural, é atravessada por discursos que regulam corpos, comportamentos e afetos, definindo o que pode e o que não pode ser dito, vivido ou expresso. Essa regulação, muitas vezes sutil e cotidiana, é sentida pela lógica da

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, [jvcc.ped22@uea.edu.br](mailto:jvcc.ped22@uea.edu.br);

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Mestre em Educação em Ciências na Amazônia - PPGECEUA; [maikawa@uea.edu.br](mailto:maikawa@uea.edu.br).





heteronormatividade, em suas fronteiras rígidas entre o masculino e o feminino, o normal e o desviante, o aceitável e o que precisa ser contido.

IX Seminário Nacional de Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

Nesse espaço, o corpo-professor além de mediador de saberes, pôde ser também um espelho que refletiu suas leituras, vivências e experiências de ser docente. Ao adentrar o si, esse corpo-professor se possibilitou uma produção de sentidos sobre o que é ser “homem” ou “mulher” na docência, reafirmando ou desestabilizando as normas sociais de gênero e sexualidade. É nesse campo de forças que emergem as experiências afetivas narradas neste trabalho, que se constituem a partir dos afetamentos vividos durante o Estágio Supervisionado em uma turma do Ensino Fundamental.

Recordo o momento em que ouvi as crianças zombando do nome do professor, associando-o à feminilidade. Algo em mim se moveu. Não era apenas sobre o outro, era sobre mim, sobre o que em mim se reconhecia naquela zombaria. Quando criança, em contexto escolar ou familiar, a associação de meus gestos ao feminino era constate, ao qual o meu nome também se tornou motivo de chacota: “Juana Marrie!!!”. Vozes ecoavam afirmindo que eu era uma menina por existir desviante do que tido como padrão, aceitável ou até mesmo natural e como propõe Louro precisamos “desconfiar do que é tomado como “natural” (Louro, 1997, p.63).

Em outro dia, quando escutei que meu cabelo era “de mulher”, percebi o peso de um corpo que escapa, que transborda o esperado. Esses episódios, embora pequenos, tornaram-se atravessamentos profundos, pois registram em meu corpo-professor que a escola continua um espaço de aprendizagem das normas de gênero, de reprodução de normas heteronormativas que podem reverberar em formas de violências físicas ou emocionais. Ao mesmo tempo, a escola também se torna um território de possibilidade para questioná-las e reinventá-las.

A minha docência em formação se mostra, então, como uma experiência na qual o corpo emerge como loco da própria aprendizagem. Encontro-me com Merleau-Ponty (1999), quando traz à luz a ideia do corpo que, através dele, habitamos o mundo; é ele quem nos insere na experiência e nos permite (re)significar o vivido. Nesse sentido, pensar a docência é também pensar o corpo, não esse corpo biológico, mas como existência sensível, atravessada por histórias, memórias, afetos e relações (Blanco, 2023).

Narrar-se é, portanto, compreendido aqui enquanto resposta a uma convocação do outro, é um chamado a dar conta de si em um mundo que nos acontece (ou não), é tropeçar em si mesmo ao narrar-se. Assim, o ato de escrever sobre o próprio corpo e suas experiências de docência não é um exercício de introspecção individual, mas um trupicar, tropeçar, ato coletivo, em conexão com as tramas de um mundo que constantemente muda.





Nessa narrativa-tropeço, o vivido se forma aos meus sentires, afetamentos, aos meus atravessamentos em que a experiência é o que acontece e se transforma em linguagem. Desse modo, este trabalho não busca descrição de verdades universais sobre a docência e heteronormatividade, ou docência e sexualidade, mas veicula singularidades com as quais meu corpo-professor se move ao ser atravessado por experiências de gênero e sexualidade na escola.

Portanto, o objetivo deste artigo se inscreve em narrar afetamentos de um corpo-professor na experimentação com a docência em formação vivida nos cotidianos de seus Estágios Curriculares na Educação Básica. Entrelaço-me na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), e em uma narrativa (auto)biográfica de si de Oliveira, Costa e Aikawa (2023), articulando com os estudos de gênero e sexualidade de Louro (1997). A escola, nesse percurso, aparece como campo de disputas simbólicas e normativas, mas também como espaço de acolhimento possível e de potência em afirmação a vida, quando se permite escutar e (re)conhecer a pluralidade das existências.

Assim, a introdução deste trabalho propõe um convite a esse corpo-professor como lugar de afetar-ses, (re)pensares e sentires a escola e quereres a diferença na experiência humana.

## METODOLOGIA

Este estudo inscreve-se na abordagem (auto)biográfica em invenção de si inspirado por Oliveira, Costa e Aikawa (2023), percebendo o trilhar de si como um caminho de pesquisa, formação e reflexão sobre a docência. Trata-se de uma metodologia que não separa o sujeito que vive do sujeito que pesquisa; ao contrário, (re)conhece que a docência é atravessada por experiências, afetos e relações que, ao serem narradas, revelam sentidos sobre o ser-professor em formação. “Trilhar é deslocar o corpo de um lugar-partida e peregrinar em um caminho desconhecido em busca de um outro lugar-chegada provisório, pois quem trilha está em constante movimento descontínuo com travessias novas de um corpo-mente” (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023, p.136). O si, constitui-se como ferramenta epistemológica e ato ético-político. O ato de narrar-se, perceber-se nessas constituições de ser professor, registra que a formação docente não se resume à aquisição de saberes técnicos, teóricos e metodológicos, pois implica uma experiência consigo e um reconhecimento de si como singularidade e pluralidade da prática educativa.





A fenomenologia, por sua vez, oferece o horizonte teórico que permite compreender o corpo e a experiência como lugares de produção de sentido. Para Merleau-Ponty (1999), somos seres que se constituem através das experiências vivenciadas através do corpo no qual “será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo” (Merleau-Ponty, 1999, p.278). Assim, sujeito se abre ao mundo e o mundo se dá a conhecer. Desse modo, ser professor é um acontecimento vívido, sentido e significado pelo corpo.

A pesquisa foi desenvolvida no contexto do Estágio Supervisionado em Docência no Ensino Fundamental do curso de licenciatura em Pedagogia, realizado em 2024, em uma escola pública municipal localizada na cidade de Manaus/AM. Esse espaço, que tradicionalmente constitui um campo de aplicação de saberes pedagógicos, tornou-se aqui território de reflexão e trilhar o si, onde enquanto professor em formação pude observar e sentir os modos como o corpo e a diferença são percebidos e regulados no cotidiano escolar.

Os instrumentos para a produção das reflexões aqui apresentadas se consistiram em anotações em caderno de campo, memórias descriptivas e escritas elaboradas após os encontros com as crianças e as professoras regentes. A retomada desses registros foi um exercício de rememoração e ressignificação, em que o vívido é revisitado e sentido em outros afetos com um outro si desse corpo-professor. O corpo-professor-que-pesquisa é, portanto, a principal fonte de observação e de análise, pois é por meio dele que os fenômenos se mostram e ganham expressão na linguagem.

Ao pensar a autobiografia enquanto coisa proposto por Oliveira, Costa, Aikawa (2023), nos movimentar a sentir o si nesse viés e quando me assumo enquanto “coisa”, como sujeito, percebo um construto discursivo e contingente, que tem o eu não como uma essência, mas um efeito, compreendo um “eu” que se inventa no encontro com aquilo que o atravessa. O narrar o si, assim, deixa de ser uma reflexão isolada e introspectiva para se tornar um ato ético e performativo de criação no qual “a existência é afirmada em sua beleza, é (re)colocada como componente da vida, abrindo ao ser humano a necessidade de criar-se a si mesmo em sua singularidade. (Re)criando-se em felicidade, com espírito livre e grande saúde” (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023, p.144). Um si instável em movimento com a vida.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O corpo se apresenta como a própria condição de pensar a existência, esse campo de potência-sensível que vibra entre normatividades e frestas. Como afirma Tavares (2022, p.

78), “aprendemos sobre um corpo padrão, que direciona os desejos para normas vigentes, preso na rede de representação da vida. A escola, a família e as instituições produzem um corpo do esperado e aqui mobilizamos pensar um corpo-professor que se encontra na diferença, aquele que habita o “lugar de trânsito” (Tavares, 2022, p. 78), na qual não há essência definitiva, mas fluxos, brechas, desvios e reinvenções.

Como propõe Merleau-Ponty (1999), o corpo se torna campo de experimentações com o mundo para podermos nos perceber e sermos percebidos. “Toda percepção exterior é imediatamente sinônima de uma certa percepção de meu corpo, assim como toda percepção de meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior” (Merleau-Ponty, 1999, p.277). O corpo torna-se campo de experimentações sendo uma presença que toca e é tocada, é possibilidade que se reinventa as normativas de gêneros e sexualidades, sendo este corpo na educação caminho de potência e afirmação aos diferentes modos de existências.

A escola tem se apresentado enquanto espaço de formação e socialização, um campo onde se inscrevem e se reproduzem determinadas concepções de corpo, gênero e sexualidade:

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz, podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos. Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. (Louro, 1997, p.80).

Nesse encontro com Louro (2000), esse corpo-professor em formação se depara com a ideia de escola preenchida pelas questões da sexualidade independe das intencionalidades pedagógicas educacionais. E sente um convite ao tropeço em uma escola ativa na afirmação da vida em fugas de práticas que ensinam, ainda que de forma implícita, como meninas e meninos devem agir, falar e se portar. “Um movimento moral que costumamos fazer é partir de ‘certezas’ corpóreas biológicas para determinar a expressão ‘correta’ de condutas, desejando um controle, um suposto solo seguro” (Tavares, 2022, p. 79). Apoiada nessa ilusão de segurança:

a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância. (Louro, 2000, p.21).

As escritas de Louro convocam esse corpo-professor em formação a se revisitar entre negações e ignorâncias na escola que me formou, abafando desejos que hoje segue no Estágio Curricular em Pedagogia e se pretende em outras realidades. Que pretende adentrar a escola e sentir, sentir-se em outras habitações desses desconhecimentos das sexualidades e do ser,



dadas todas as discussões, pesquisas, estudos e legislações contemporâneas em relação à Diversidade Sexual e de Gênero.

X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Gênero não é uma essência natural, mas uma performatividade, uma repetição de normas e expectativas geram uma expectativa de comportamentos e ideais a se manter que se distancia da singularidade (Butler, 2003). Butler nos lembra que as categorias de homem e mulher são efeitos de discursos regulatórios que delimitaram os modos como as pessoas deveriam se expressar: “O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero” (Butler, 2003, p.200).

Esses corpos que escapam às normas, corpos dissidentes, desviantes, ou que não se enquadram nas performances esperadas sofrem os efeitos da exclusão e da invisibilidade, mas levanta a questão de corpos que importam (Butler, 2019). A autora enfatiza que as fronteiras do humano são sempre políticas e “o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será algo totalmente material desde que a materialidade seja repensada aqui como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder” (Butler, 2019, p.21). Nessa lógica, há corpos que são afirmados, os heterocisnormativos, são corpos que importam, pois atendem ao padrão de normatividade e há corpos cuja existência é negada, visto que não se enquadram nos padrões estabelecidos socialmente, esses não são importantes.

Tavares (2022) nos chama atenção, ainda que biológico, de pensar um modo de vida plural, no qual as diversas vidas cabem no corpo e quando diz de formas de vida, deseja o múltiplo, o plural, o contingente. Sua concepção de sexualidade reafirma esse deslocamento: “a sexualidade perpassa por outros caminhos, trilhados por corpos culturais desejantes, que não têm a reprodução como foco” (Tavares, 2022, p. 79). Em consonância, Louro (2000, p.25) enfatiza que, embora o corpo biológico estabeleça certos limites, “a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”, evidenciando seu caráter discursivo, histórico e relacional. A sexualidade se expressa para além da hetero cis, a diferença habita o corpo.

Trato aqui a diferença deleuziana que Silvio Gallo (2008, p. 9) mobilizou apontando que “a diferença é tematizada, mas ela é vista sempre como conceito, portanto como representação. É o apagamento da diferença”. Nesse registro representacional, a diferença só aparece como variação do mesmo, como aquilo que se distingue por comparação, subordinada a uma identidade que a precede e a limita. Gallo, ao contrário, rompe com essa lógica identitária ao propor uma diferença que não depende do idêntico para existir. Tal como nos lembra Paraíso (2010, p. 588), não se refere ao diferente, nem a uma relação comparativa,

mas “a diferença em si”. Trata-se de uma diferença em suas singularidades e multiplicidades, sempre em processo, que escapa ao esquematismo da identidade e da representação. A diferença não pode ser medida nem estabilizada, porque opera por fluxos de intensidades, de criação de formas de vida (Deleuze, 1998).

Enquanto docente em formação, portanto, ponho-me nesse exercício de presença em meus tropeços no estagiar, onde por intermédio desse corpo-professor posso reconhecer os afetamentos e reconhecer-me neles em docências, aprenderes e vida. Ao entrelaçar-se a esses conceitos, o meu corpo-professor, enquanto sujeito de conhecimento, se compõe também como uma singularidade de si em seus atos formativos e em suas docências. O corpo, a linguagem e o afeto se cruzam, as marcas da normatividade seguem na minha pele, mas sinalizam habitações de outro de mim, de outro corpo-professor em singularidades e diferenças.

De modo que este corpo-professor vem compreendendo que educar é composto por atravessamentos, é deixar se ser atravessado, e que narrar a própria docência (narrar o si) pode constituir-se em abertura de brechas para pensar-se em outras possibilidades de si na própria existência e no meu professorar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências aqui narradas a partir das afecções com o Estágio Supervisionado incitam que esse corpo-professor em formação é constantemente atravessado por expectativas normativas definidas seja do que se entende como “professor ideal” ou do que se espera de um professor homem. Essas expectativas se manifestam não apenas em falas explícitas, mas em ações, piadinhas, gestos e silêncios do cotidiano escolar. Começo dizendo que me sinto vigiado! O corpo-professor sente a vigia ao seu redor, e ele faz barulho, fala alto, mexe os braços quando fala, destoa do esperado, tropeça no seu vigilante cenário e deixa de ser vigiado para ser veado!

Durante o estágio, recordo de um momento em que ouvi algumas crianças rirem do nome de um dos professores, ele era bolsista do Pibid, o seu nome era igual de uma princesa sereia de Disney e quando ele foi se apresentar as crianças acabaram rindo de seu nome que era “nome de mulher”. Aquela risada, aparentemente sem cunho de ofensa, carregava o peso de uma norma de gênero já internalizada, uma ideia do que é ser homem e do que não é. Percebi ali que, embora as crianças ainda não estejam totalmente capturadas pelas normativas de gênero e sexualidade dos padrões sociais, elas as ouvem e, de modo natural, as repetem.





Ao repeti-las, tornam-nas naturais e, assim, transformam-se em pessoas que, para além de reproduzirem padrões de normatividade, também os geram, tornando-se adultos carregados de preconceitos: “não é qualquer sexualidade que cabe, é o ‘natural’ que será chamado para dizer o que ‘é correto’” (Tavares, 2022, p. 80). Sente-se que o discurso de violência se apoia no natural para se fincar e delimitar o que pode o corpo-professor, entretanto, “a sexualidade perpassa por outros caminhos, trilhados por corpos culturais desejantes” (Tavares, 2022, p. 79).

Quando uma delas disse que meu cabelo “parecia de mulher”, percebi o quanto meu ser corpo-professor-gay se coloca como um território político, inscrito de sentidos que vão além da docência em sala de aula, atravessam as vivências do ser docente.

Nesse viés, pode se perceber o corpo como que a reação das crianças não é um simples ato individual: é o reflexo de uma gramática cultural que, desde cedo, ensina o que é aceitável e o que deve ser ridicularizado. “Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p.48). Guacira Louro (2000, p.10), ajuda a compreender esse processo ao dizer que “a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura”. Essa pedagogia atua na regulação de *performances* das diferentes orientações sexuais e de gênero. Naquele instante, percebi que o aprendizado das crianças sobre o corpo e a diferença fugia do currículo prescrito: aprendia-se também a rir, abraçar, a estranhar e rejeitar.

Entretanto, esses mesmos gestos que me atravessaram como ferida tornaram-se, na narrativa e ao rememorar esses acontecimentos, compreendo que eles se tornam campos de constituição do meu si. Esses afetamentos trouxeram-me a percepção da escola enquanto espaço de normatização, de mesmo modo, como lugar de resistência, no qual a diferença pode se tornar uma ética da docência.

Nos meus sentires, percebi meu corpo-professor atravessado por afecções diversas, que me deslocavam e me convocavam a revisitação de minha própria experiência encarnada. Meus sentires no estágio reverberam em mim como tentativas de repressão do meu corpo-homem-gay, sobretudo com falas como ser um “desperdício” eu ser gay por ser “bonito”, ou quando invadem meu espaço corporal tocando meus braços e meu peito sob o pretexto de brincadeira. Esses gestos, me invadem, ultrapassam o limite do respeito e evidenciam formas de homofobia. Esses atravessamentos destacam práticas de exposição de expectativas normativas sobre masculinidades, sexualidades e sobre significações do meu corpo naquele



ambiente. Tais afecções me atravessam como lembretes de que meu corpo-professor se constitui como um ato ético de si frente a política de normatividade e se insere numa perspectiva outra dos diversos modos de existências.

Assim, corpo-professor em formação tem se produzido enquanto sujeito de sua formação: ensina e é ensinado, aprende e aprende-se, afeta e é afetado. A experiência de ser visto como “estranho” ou “diferente” pela turma pude perceber o quanto a docência se faz nos limites da norma, nas frestas daquilo que escapa ao controle. Foi nesse lugar de fresta que a minha prática pedagógica começou a se reinventar como mobilizadora do sensível à diferença.

Portanto, os resultados desta pesquisa não se apresentam como conclusões fechadas, mas como a narrativa de um si professor em formação na Pedagogia que se movimenta com a diferença e tem pesquisado sobre gênero e sexualidade. A autobiografia de si, se apresentou nessa pesquisa como campo de conhecimento carregado de sentires que não cabe em currículo e que se alinha com a afirmação da vida e seus diversos modos de existências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrar as experiências que me atravessaram durante o Estágio Supervisionado tornou-se, antes de tudo, um exercício de narrar a mim mesmo. Mais do que descrever situações, foi um movimento de escuta do meu corpo-professor em formação, um corpo que sente, hesita, tensiona e se desestabiliza diante das normas que o atravessam. A partir da narrativa autobiográfica em invenção de si e dos estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, percebi que a docência não se reduz aos acontecimentos do cotidiano escolar, ela se produz em meus afetamentos, no modo como existo e me coloco no mundo enquanto professor.

No ato de traçar o meu si, percebi que “a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (Louro, 1997, p.89). A escola continua sendo um espaço fortemente marcado por discursos normativos que regulam as expressões de gênero e de sexualidade. No espaço escolar, descobri que sou mobilizado por aquilo que me toca, por aquilo que me desconcerta e por aquilo que insiste em me fazer existir como quem sou. E nesse gesto de narrar-me em meio a esses afetamentos no Estágio Supervisionado em Pedagogia, encontro-me comigo e com meus tropeços me transformo em outro de mim com os outros e outras no professorar e na vida.





Ao revisitar os episódios do estágio, os risos, as perguntas, os olhares sinto em que cada situação uma possibilidade de aprendizado e transformação em minha docência. O corpo que foi alvo de estranhamento tornou-se também espaço de escuta e de diálogo. Assim, o meu processo formativo narra-se como movimento contínuo de desestabilização, onde esse corpo-professor aprende a ensinar enquanto aprende, também, a ser.

Nessa narrativa-tropeço, a docência em formação, quando atravessada pela diferença, pelo gênero, pela sexualidade, desafiou-se no cotidiano e nas vivências escolares. O ato de trilhar o si se mostrou, aqui, não apenas como metodologia, mas como ato de outras habitações de um corpo-professor frente a norma e a práticas pedagógicas. Mais do que produzir respostas, este trabalho abriu perguntas sobre esse corpo-professor-gay na escola, sobre outros modos do meu ser professor em meio a tantas assertivas fixadas do ser gente.

Assim, ao encerrar esta escrita, reafirmo a docência como caminho no qual esse corpo-professor-gay tropeça, ensina, aprende, aprende-se, se afeta e se inventa na relação com o outro. Esse corpo-professor-gay se faz em uma docência outra.

## AGRADECIMENTOS

Traço aqui meus agradecimentos. Primeiro, sou grato pela possibilidade de pesquisar sobre aquilo que me move enquanto corpo-professor em formação na Pedagogia; o narrar-se tornou-se uma fresta para afirmar os diferentes modos de existência. Segundo, sou grato pelas amizades que, em meio a momentos turbulentos da vida, estiveram ao meu lado.

Sou grato também àqueles que contribuíram para tornar esta escrita e pesquisa possíveis: à minha orientadora, que colaborou não apenas como suporte teórico, mas como alguém que me possibilitou encontrar o “eu” ficcional em nossos encontros de orientação-vida; ao professor doutor José Aguiar, que contribuiu para pensar as existências e a minha existência como corpo-professor-gay na educação.

À instituição de fomento desta pesquisa, a FAPEAM, deixo aqui meus agradecimentos por ter sido apoiadora financeira da iniciação científica.

Por último, sou grato à Universidade do Estado do Amazonas, que tem incentivado a pesquisa e permitido, por meio de seus programas de apoio, levar o trabalho de seus estudantes dentro e fora do país.

## REFERÊNCIAS



BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo.** Tradução de Sérgio Lamarão e André Fischer. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLANCO, Sergio. A Autoficção: uma engenharia do eu. Tradução de Esteban Campanela. Revisão da Tradução: Vicente Concilio. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 48, set. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** Tr. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLO, Sílvio. **Eu, o outro e tantos outros:** educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2- ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAVARES, Geórgia de Souza. Bíslogia: Pluralidade de vidas. In.: CHAVES, Silvia Nogueira. **Experimentar na diferença:** um banquete de monstruosidades acadêmicas. São Paulo: Livraria da Física. 2022. p. 77-90.

OLIVEIRA, Caroline; COSTA, Mônica; AIKAWA, Monica. Retrato da autobiografia enquanto coisa. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom Cultura Científica: Ciência. Vida. Educação.**, Campinas, SP, ano 10, n. 24, jun. 2023.